

Entre teias e tramas...

Adriana Emerim Borges

A concepção de leitura apresentada por Maria Helena Martins em *O que é leitura?* propõe a linguagem como um “fio ininterrupto de sentidos ideológicos, condutor de teias e tramas, trocas de sentidos e significados”. A percepção das relações intra e intertextuais, a expansão e a exploração da “palavra-mundo” de que falou Paulo Freire são, portanto, o fio condutor das aulas de Língua Portuguesa nas 7^a e 8^a séries do Colégio de Aplicação, nas quais busco a superação de práticas mecanizadas e isoladas, herdadas de uma escola racionalista e dicotômica, através do estímulo à compreensão e à apreciação da leitura e da escrita.

João Cabral de Melo Neto escreveu um poema no qual descreve como os galos, respondendo uns aos outros, tecem a manhã. Podemos dizer que ocorre o mesmo com o processo de formação do leitor: o gosto pela leitura (e pela escrita) nasce e cresce à medida que um aluno vai de um texto a outro, comparando estilos, querendo mais informações sobre um tema, admirando o jeito de um autor escrever – segundo os alunos da 7^a série, “esse Victor Hugo era bom mesmo, hein?” (comentário feito durante a leitura de uma adaptação de *Os miseráveis*) – ampliando, enfim, suas referências.

Acredito que a partir desta proposta, o texto, que na escola tem sido historicamente produzido em condições artificiais, deixa de ser mera estratégia de preenchimento de folha de papel em branco, e o professor passa de avaliador a leitor da produção de um sujeito-autor. É, portanto, como leitora

entusiasmada da produção de meus alunos, que apresento aos leitores do *Cadernos do Aplicação* alguns dos textos por eles produzidos neste ano de 2009.

Era noite de Natal, e ela não tinha pra onde ir. Caminhava para um lugar o qual ela não fazia ideia de onde ficava, apenas rumava para o desconhecido. Quando se deu conta, ela estava parada perto de um lago, a água perigosamente calma. Seu vestido vermelho contrastava com a neve branca que cobria a grama. Ela senta no chão, e as folhas secas das árvores caem à sua volta, ao mesmo tempo em que as lembranças amargas da noite passada vêm à tona. Ela fecha os olhos, e então enxerga com clareza.

Ela estava em seu quarto, jogada na cama após ter bebido demais. Ela delirava, ria loucamente. Alguém entra em seu quarto com duas taças de vinho na mão. Ele as larga em cima da cômoda, e deita ao lado dela. Ele tenta beijá-la, mas ela o empurra. Ele agarra a moça com força, e ela se desvencilha dele, correndo para perto da cômoda. Ela abre a gaveta e pega uma faca, enlouquecida de raiva. Sem pensar duas vezes, ela parte pra cima do homem, as mãos trêmulas. A cada jorro de sangue, a cada grito, ela se tornava mais confiante. Por fim, percebeu que as facadas haviam se tornado inúteis, pois ele já havia partido. Ofegante, ela larga a faca ao lado do cadáver e sai sem olhar pra trás. Continua vagando, até que se sente cansada demais e se deita perto de uma árvore para dormir...

Ela abre os olhos, e se vê sentada perto do lago novamente. A sensação de culpa invade seu corpo, e ela se dá conta que foi a assassina do amor da sua vida, seu amante. Ela não respirava, estava angustiada demais. Desejava ardentemente que algo lhe tirasse a culpa. Um milagre, talvez. Afinal, era noite de Natal. Ela esperava que Deus lhe mandasse um sinal de que a perdoava, mas nada veio. Indignada, ela se levanta e grita, grita que renuncia a Deus. Ela fecha seus olhos, negando a si mesma e ao que aconteceu na noite passada, e se joga na água. Era fria, mas ela não se importou, apenas se deixou consumir pela imensidão negra

que envolvia seu corpo. Sua alma morreu com sua vítima. Ela chorava, mas suas lágrimas misturavam-se com a água. Em seu último suspiro de vida, ela sorriu. Não se importava que fosse pro inferno, pois não tinha alma pra queimar. Afinal de contas, morrer não era tão ruim assim.

Morgana Rocha, Turma 82

Amizade em primeiro lugar

Quando era quase noite, resolvi sair... Ainda me pergunto se era o que eu devia ter feito... Peguei meu skate, saí rua afora, e não pensava em voltar tão cedo...

Eu sou o Bruno, tenho dezesseis anos e nenhuma inocência. Não tenho porque não sei viver de outra forma. Faço o que quero e vou aonde quero, não tenho consciência ou noção do perigo, se tiver que ir, eu vou.

Eu, Tiago e Edu, meus melhores amigos, ficamos no centro da praça às cinco horas da tardinha, fazendo o que mais gostamos, manobras. Eu e Tiago dividíamos o skate e Edu na bike.

Estávamos felizes e calmos, até que Alex e Daniel, da nossa escola, resolveram aparecer. Nenhum de nós se dá bem desde que uma briga entre Tiago e Alex traçou uma linha inimiga entre nós. Cada vez que aqueles dois passavam pelo Tiago, ele perdia o controle, tanto que jurou vingança. E eu senti que aquele era o momento.

Ele olhava fixamente para a dupla e franzia a testa, levemente mostrava os dentes como um cão que rosnava para o outro, e seu boné lhe tapava o olhar, espiava discretamente.

Daniel ficou parado no mesmo lugar, apenas observando o que seu inimigo iria fazer. Ao seu lado, Alex fazia a mesma coisa,

encarava Tiago e apertava a própria mão. Seus dedos estalavam, um por um.

Num reflexo rápido e único, toquei a mão no ombro de Tiago e lhe sussurrei no ouvido, para que só ele pudesse escutar:

– Vamos embora!

Mas ele não deu ouvidos ao que eu disse, deu um passo a frente e gritou para Alex:

– Trouxe uma ambulância?

– Para quê? Para levar você para casa? – Provocou rindo.

Edu tentou parar a discussão e puxou Tiago com força e o levou embora.

Alex grita:

– Me diga pelo menos onde você mora, Tiago, quero te mostrar uma coisa!

Tiago não respondeu e foi embora com a bike e Edu. E eu deixei meu último recado:

– Ninguém quer continuar com isso, Alex! Chega! – Dei as costas e me fui.

Ainda era cedo demais para mim. Não queria ir para casa, então decidi dar outras voltas de skate pela cidade. Entrei, e duas ruas, algumas avenidas e outros bairros, estava longe, até que entrei em um beco entre dois prédios velhos e pichados... E então... Pegaram-me quando já era noite, e me levaram para um lugar desconhecido, me espancaram porque não queria abrir a boca, e depois que fiquei meio desmaiado, me deixaram só... A amizade em primeiro lugar...

Invade de silêncio
o coração cheio de mágoa
da amargura solitária
por dar-te apenas risos falsos...
Nada se encaixa.
Volte apenas no instante
em que a lua penetra em minha carne
a esperança dos amantes
por possuir-te somente à tarde.

Itanara dos Santos Giuliano, Turma 82

Referências

HUGO, Victor. *Os miseráveis*. Adaptação em português de José Angeli. São Paulo: Scipione, 1998.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

NETO, João Cabral de Melo. *Tecendo a manhã*. Disponível em www.portalsãofrancisco.com.br

